

Um olhar, a partir da Teologia da Criação, sobre Jardim Gramacho

A look, from the Theology of Creation, at Jardim Gramacho

Luiz Gustavo dos Santos Rosa

Resumo

Em Jardim Gramacho funcionou o maior “aterro sanitário” da América Latina entre os anos 1990 e 2000. Dentro da Região Metropolitana do Rio de Janeiro o Aterro gerou impactos, para além do descarte dos resíduos sólidos, que afetaram tanto o meio-ambiente local como a interação social dos cidadãos fluminenses e cariocas que dependiam de suas atividades. Mesmo sendo fechado sob pressão em 2012, o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG) ainda recebe lixo de forma clandestina, que continua influenciando a vida dos moradores e da região. Sobre um olhar da Teologia da Criação, o presente artigo buscará refletir, juntamente com aplicações pastorais, como a fé cristã pode contribuir para as interações dentro do bairro caxiense, que ainda respira os impactos daquilo que foi o fenômeno do lixão de Gramacho; e como a Igreja pode agir juntamente com a sociedade para uma justiça socioambiental e uma manifestação do Reino do Deus Criador, que ama e se importa com sua criação.

Palavras-chave: Criação. Meio-ambiente. Teologia. Pastoral. Rio de Janeiro.

Abstract

In Jardim Gramacho, the largest “sanitary landfill” in Latin America operated in Jardim Gramacho between the 90s and 2000s. Located within the Metropolitan Region of Rio de Janeiro, the landfill generated impacts beyond the disposal of solid waste, which affected both the local environment and the social interaction of the residents of Rio who depend on its activities. Even after its closure under pressure in 2012, Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG) still receives garbage clandestinely which continues to influence the lives of residents and the region. Through the lens of the Theology of Creation, this article will seek to reflect, together with pastoral applications, on how the Christian faith can contribute to interactions within the neighborhood of Duque de Caxias, which still feels the impact of what was once the Gramacho landfill, and how the Church can work together with society to promote socio-environmental justice and a manifestation of Kingdom the Creator God, who loves and cares for his creation.

Keywords: Creation. Environment. Theology. Pastoral. Rio de Janeiro.

Introdução

Jardim Gramacho ficou conhecido por abrigar o maior aterro sanitário da América Latina, que funcionou por mais de três décadas. O bairro tornou-se um símbolo real e expressivo da crise socioambiental que é vivida hoje, sendo uma representação nacional da desregulação e das consequências de uma exploração impiedosa, e de uma má destinação dos resíduos gerados por um consumismo exacerbado.

Promessas de seguir diretrizes de proteção ambiental não se concretizaram, o impacto ambiental foi devastador e as condições de trabalho eram extremamente precárias e insalubres. O encerramento das atividades do Aterro em 2012 trouxe novas dificuldades e a presença cristã, inserida nesse contexto calamitoso, foi por vezes mantenedora desse *status quo*. O presente artigo tem como intuito aprofundar-se no contexto socioambiental do bairro de Jardim Gramacho e analisar como a Teologia da Criação pode trazer contribuições para gerar transformação dentro das situações que, por vezes, se mostram difíceis e sem avanço, mas, que aos poucos tem poder de mudar a realidade de vida dessa região, trazendo autores conhecidos e nacionais que já desenvolvem reflexões a respeito desse assunto.

1. Olhando para Jardim Gramacho

Jardim Gramacho é um bairro do município de Duque de Caxias, pertencente à Baixada Fluminense – um conjunto de municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – e se situa às margens da Baía de Guanabara, cortado por dois rios importantes: o rio Sarapuí e o rio Iguaçu; longe tanto do centro da cidade em que se encontra, como também da capital carioca. Por lá existiu o maior “aterro sanitário” da América Latina, operando desde os anos de 1976/1978¹ até 2012. A criação do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho – AMJG, acontece durante o processo de desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio, que crescia de forma desordenada e sectária, anexando novos terrenos distantes do centro metropolitano por linhas de trem e ônibus; o que fez com que uma parcela mais pobre da população, que vivia próxima aos centros, migrasse para esses lugares mais distantes por conta do subvalorização das terras. As arquitetas Yasmin de Oliveira e Denise Machado escrevem um artigo que aponta sobre as intercorrências desses novos espaços metropolitanos, principalmente em Jardim Gramacho, e descrevem alguns resultados dessa expansão feita de forma descompromissada.

O espaço se constitui com pouca ou nenhuma coesão formal e de forma fragmentada, o que amplia as rupturas urbanas. Assim, o próprio espaço atua como mecanismo de segregação, excluindo as classes de baixa renda das metrópoles e permitindo que, com elas, se aloquem os riscos ambientais.²

¹ OLIVEIRA, Y.; MACHADO, D., Invisibilidade social e espacial em aterro metropolitano, p. 170. Há uma imprecisão quanto a data do início das operações.

² OLIVEIRA, Y.; MACHADO, D., Invisibilidade social e espacial em aterro metropolitano, p. 167.

Os pontos que levaram à escolha do lugar do aterro foram, antes do seu impacto ambiental, os critérios econômicos e logísticos³. O terreno deveria ser, além de grande em área e proporção, um que não custasse tanto aos cofres públicos e que fosse longe dos centros urbanos municipais – principalmente da capital –, sendo ligado a vias importantes para seu armazenamento.

É fato que houve uma preocupação sobre qual seria o impacto ambiental ao terreno do aterro, o que fez levantar estudos sobre o solo, disposição dos resíduos sólidos, controle de material, e risco de contaminação, seguindo todas as normas de agências reguladoras, como a ABNT⁴. Porém, quando começou seu funcionamento, não foram implementadas essas diretrizes de proteção, fazendo com que o então aterro sanitário funcionasse mais como um lixão⁵. Já na década de 80, o AMJG apresentava altos índices de impacto ambiental, degradando o solo, poluindo os rios e a Baía, e trazendo situações de insalubridade e insegurança aos trabalhadores e moradores próximos.

Jardim Gramacho não vivia apenas para o armazenamento/descarte de resíduos sólidos da Região Metropolitana; o AMJG gerava, principalmente, um movimento comércio-social dentro do bairro. O AMJG era responsável por empregar – grande parte de maneira informal – muitos cidadãos que vinham até mesmo de cidades distantes para levantar o sustento financeiro e assim manter-se eles mesmos e suas famílias. A maioria desses trabalhadores eram os catadores que faziam a coleta de materiais recicláveis no meio das montanhas que eram despejadas todos os dias. Dentro do aterro havia empresas interessadas nesses materiais recicláveis, que faziam negociações com os catadores. Por conta dessas oportunidades de trabalho, o bairro começou a crescer e se estruturar, fazendo com que se tornasse uma comunidade, gerando suas interações sociais e ambientais. Foram abertos comércios, alguns serviços públicos e de interação, além de também surgirem igrejas, grande parte de tradição evangélica; mas, também representatividade católica. Nesse contexto, as relações macrossociais, estatais e institucionais eram instáveis e muitas vezes distantes, criando uma série de desigualdades que cresceram junto com o desenvolvimento do bairro. Yasmin e Denise trazem um diagnóstico social preocupante aliado ao AMJG:

Com o objetivo de avaliar as condições de vida da população, bem como identificar seus anseios e desejos, algumas instituições deram início a estudos de diagnóstico social. Entre elas, o relatório do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE, 2005) apontou alguns problemas relacionados ao AMJG que afetavam os moradores do bairro como poeira, sujeira, mau cheiro, barulho, atividades de catação realizadas por menores de idade, vazadouros clandestinos, violência, vetores de doenças, falta de saneamento, lazer e transporte público.⁶

O documentário *Lixo Extraordinário*, dirigido por Lucy Walker (2010), retrata de forma profunda, dinâmica e sensível a vida de alguns catadores do Aterro e a dinâmica que acontecia em Jardim Gramacho. O filme conta, a princípio, como o artista plástico paulistano, Vik Muniz, teve a ideia de criar uma coleção de arte com materiais

³ OLIVEIRA, Y.; MACHADO, D., Invisibilidade social e espacial em aterro metropolitano, p. 169.

⁴ OLIVEIRA, Y.; MACHADO, D., Invisibilidade social e espacial em aterro metropolitano, p. 170.

⁵ OLIVEIRA, Y.; MACHADO, D., Invisibilidade social e espacial em aterro metropolitano, p. 171.

⁶ OLIVEIRA, Y.; MACHADO, D., Invisibilidade social e espacial em aterro metropolitano, p. 172.

provenientes do lixo. Com isso ele conhece por imagens o AMJG e se impressiona com o tamanho e com as condições que os moradores e trabalhadores ali viviam, o que faz ele querer conhecer de perto essa realidade. Chegando ao aterro, ele é apresentado de forma superficial pelo administrador, mas aos poucos começa a ter contato e se relacionar com os catadores. A partir desse vínculo, ele conhece a dura realidade do que é viver no Aterro. Sobre algumas falas e contextos experienciados pelos catadores participantes do documentário, será feita uma análise das condições de vida e trabalho desses trabalhadores para se ter uma melhor abrangência da situação e das implicações possíveis quando se propõe a olhar de forma teológico-criacional para o problema.

A primeira observação pode ser feita a partir da fala do então administrador do AMJG, Lúcio, que conduz Vik aos catadores. Lúcio afirma que “os catadores tiram 200 toneladas de reciclados por dia, o equivalente a uma cidade de 400 mil habitantes”. Essa afirmação mostra o papel fundamental dos catadores em tornar o Aterro um espaço de responsabilidade ambiental, mesmo havendo o quesito da subsistência. A ação deles é importante para manter vida útil do Aterro. Porém, é inegável o caráter desumano e a situação degradante de condição de trabalho que o catador passava no AMJG.

A falta de oportunidades de emprego em outras áreas atraía a população mais pobre para trabalhar como catador, com pouca – ou nenhuma – garantia por parte do estado, já que não era algo formalizado; mas pessoas de várias partes da Região Metropolitana migravam para trabalhar no aterro. O trabalho era considerado totalmente insalubre e com riscos graves à própria vida. Zumbi, um dos catadores entrevistados, mostra no corpo o acidente que sofreu que quase custou sua vida. Mesmo diante das más condições, esse trabalho era visto como digno, em contraste a outras atividades como prostituição e associação ao tráfico de drogas. Mas era um consenso entre os catadores a busca por ascensão e melhores condições de trabalho. Isis, outra catadora, chega a afirmar que “isso não é futuro”, e Zumbi espera que seus filhos estudem para que não precisem virar catadores. Ele diz: “a gente tem que pensar também no futuro, irmão. Porque, né, é aquele negócio eu não quero que o meu filho seja catador (...) mas eu prefiro que ele seja o quê? Um advogado para representar a categoria de catador, entendeu? Uma médica para cuidar do catador numa cooperativa”.

Algo interessante a se pontuar é o senso de comunidade que havia junto aos catadores. Eles iam para além de vínculos profissionais. Criavam relações de afeto, amizade, carinho, solidariedade e serviço àqueles que estavam trabalhando juntos, tratando-se como iguais e estabelecendo relações. Isis consegue destacar isso falando de seus amores. Irmã, outra catadora, torna-se a cozinheira que alimenta os catadores com insumos doados – alguns deles vindo do próprio lixo. A partir dessas relações foi fundada uma cooperativa: Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho – ACAMJG – que cuidava dos mais de 2.500 catadores e que lutava por direitos e políticas para desenvolver e garantir a dignidade através do trabalho para toda a classe.

Em 2012, após inúmeras pressões por parte de órgãos nacionais e internacionais que buscam meios de driblar a crise socioambiental, o Aterro de Jardim Gramacho encerrou as suas atividades para que não mais continuasse poluindo e contaminando o espaço no qual estava instalado. Porém, para os catadores que dependiam da catação para sobreviver, não era garantido nenhum direito ou política significativa que os auxiliassem,

levando milhares de trabalhadores a ficarem inseguros quanto ao mantimento de suas casas. Yasmin e Denise atestam:

Os catadores e a população local ficaram sem alternativas de geração de renda e trabalho ou soluções para a revitalização do bairro de Jardim Gramacho, que funcionava integralmente em torno das atividades do aterro metropolitano. Consequentemente, isso se refletiu na intensificação da situação de exclusão social e de pobreza da população.⁷

Mesmo com o fechamento do Aterro, a vida continuou no bairro, alguns lixões foram criados de forma clandestina devido ao bairro já ser conhecido como depósito de resíduos sólidos. Por ser um bairro pobre, distante e com uma densidade demográfica significativa, a criminalidade e o tráfico de drogas se instalaram, gerando mais insegurança e violência para o local. Além de lidar com um problema ambiental, Jardim Gramacho ainda passa pelo medo e apreensão que é viver em uma área controlada pelo tráfico no Rio de Janeiro.

A presença cristã em Jardim Gramacho é expressiva. No Google Maps há 20 igrejas catalogadas – 19 Protestantes e 1 Católica – sem contar outras tantas que não foram registradas e as missões que também desenvolvem trabalhos por ali. Não só não é um bairro sem presença cristã, como a maioria ali tem a sua fé professada e praticada. Alguns fiéis atuam nos lixões clandestinos, tirando deles o seu sustento. Existe, por parte dessas igrejas, uma ajuda assistencial a alguns moradores que passam por fome, insegurança alimentar ou se encontram em estado de necessidade, mas, que ficam apenas relegados a esse espaço de assistencialismo. As pregações e pastorais exercidas nessas comunidades ainda são muito dualistas, focando fortemente na salvação espiritual, que é visto no empreendimento de muitas programações com o cunho evangelístico-proselitista.

2. Sobre um olhar da Teologia da Criação

Mediante a esse contexto encontrado em Jardim Gramacho, a Teologia da Criação tem muito a acrescentar e contribuir para a “conversão” de um olhar mais afetivo-prático. Mas, para isso, deve se entender que todo esse contexto gerado a partir de tantas consequências que se desdobram em vários outros aspectos, os quais serão desenvolvidos em atitudes que causam e perpetuam essa situação de desprezo e calamidade com a população residente próxima ao aterro. Pode-se definir que a raiz do problema está na compreensão errônea que vê o ser humano totalmente desconexo com tudo que o cerca. O padre jesuíta Josafá Siqueira, biólogo e teólogo brasileiro, reflete a respeito da inversão de valores sobre a relação entre a pessoa humana e a natureza que ajudou a agravar a crise socioambiental vivida atualmente. Ele levanta 4 inversões, são elas:

- I – Conversão da criação como um produto a ser explorado exaustivamente de modo individual, esquecendo-se das relações que existem entre Deus, o outro e a natureza.
- II – Esvaziamento da relação humano-natureza, gerado pelo racionalismo.
- III – Fuga da crise social e ambiental vista nos dias de hoje.
- IV – Perda da vocação humana de ser cuidar da criação, se tornando destruidor dela.⁸

⁷ OLIVEIRA, Y.; MACHADO, D., Invisibilidade social e espacial em aterro metropolitano, p. 173.

⁸ SIQUEIRA, J. C., Meio Ambiente, p. 70.

A teóloga brasileira, Lúcia Pedrosa-Pádua, diz que: “Separado do corpo, dos outros e da natureza, equipado com um instrumental técnico poderoso, este humano, forjado na civilização industrial, adota uma atitude predatória e destruidora”⁹, gerando assim todo tipo de opressão e exploração que afeta tanto o meio-ambiente como todos aqueles que o dependem, inclusive ele próprio.

Por muito tempo, o cristianismo deu força a fala de desconexão, aliando-se a um pensamento excessivamente antropocêntrico e alienado, que via a natureza como esse espaço de proveito. Tal pensamento vigora por anos, tendo seu ápice a partir da Revolução Industrial e suas influências na contemporaneidade, mas também com fortes reações. Hoje se vê, de forma bem nítida e latente, a crise socioambiental na qual a humanidade vive. Pois, não há como não notar todas as mudanças climáticas afetando diretamente, todos os dias, vários grupos sociais – principalmente os mais pobres –, que estão em lugares de vulnerabilidade climática, tanto em áreas rurais como em centros urbanos densos, como é o caso de Jardim Gramacho.

Entender a integralidade do ser humano junto à natureza é um dos pontos basilares que enxergam a cadeia de ações-reações que atuam no universo. Aqui, a Teologia da Criação encontra terreno fértil para dar suas contribuições e pensar em soluções que ajudem na superação dessa crise vivida em Jardim Gramacho.

Adolphe Gesché, teólogo belga, trata sobre como por muito tempo a teologia se preocupou apenas em pensar a fé do ponto de vista antropológico sem relacioná-la com o cosmo ao qual o ser humano está inserido. É vital para Gesché pensar na humanidade dentro de um cosmo, de um mundo, pois é nele que a pessoa humana vive e interage. Ele diz que “o homem [*sic*], para ser homem, tem necessidade vital do cosmo: precisa morar, comer, amar, viver admirar. Ele pode fazer tudo isso confinado a si mesmo?”¹⁰. Já Afonso García Rubio, teólogo espanhol naturalizado brasileiro, contribui junto a ideia de Gesché, enfatizando a interligação íntima do ser humano com todo o universo material, consequentemente com a natureza, García diz:

Pela sua corporeidade, o homem [*sic*] forma parte do universo material, estando em comunicação não só com outros seres humanos, mas também com todas as criaturas do mundo. A vida do homem, nos diz a ciência, está intimamente relacionada com o meio ambiente. O ser humano constitui um sistema complexo composto de múltiplas interações, estreitamente vinculado com um sistema maior que é a sociedade.¹¹

A partir dessa compreensão da integralidade entre a pessoa humana e o cosmo, compreende-se também espiritualidade integrada, que não é antropocêntrica, mas que também fala da terra e sobre a terra. A partir de uma tradição manifestativa¹², a Bíblia

⁹ PEDROSA-PÁDUA, L., *Cosmologia teológica para uma renovação antropológica*, p. 139.

¹⁰ GESCHÉ, A., *O Cosmo*, p. 25.

¹¹ RUBIO, A. G., *Unidade na Pluralidade*, p. 569.

¹² Para Rubio, a tradição manifestativa enfatiza que o ser humano está integrado ao cosmos e que sua salvação está ligada à renovação de toda a criação. Essa visão corrige o excesso de antropocentrismo ao destacar a participação do homem no mundo natural, que mantém um caráter sagrado relativo a *Iahweh*. Assim, a salvação humana está intrinsecamente ligada ao destino do cosmos, perspectiva presente na literatura sapiencial e apocalíptica. Ver: RÚBIO, A. G., *Unidade na Pluralidade*, p. 546-547.

revela o caráter responsável e totalmente inserido do homem com o cosmos. Os Pais da Igreja também enfatizavam sua hermenêutica nesse sentido, fazendo suas Cristologias através de “dimensão cósmica”¹³. É necessário resgatar essa enorme contribuição que os primeiros séculos do cristianismo cultivaram e, como diz Gesché, “redescobrir a qualidade e o peso (no sentido positivo do termo) a sua própria herança”¹⁴. García Rubio, remetendo também à história da Igreja, percebe que há a necessidade de fomentar uma visão simbólico-sacramental da natureza, para que assim a relação humano-natureza possa ter um novo significado.

A visão simbólico-sacramental da natureza precisa ser desenvolvida urgentemente. É uma visão que comporta uma atitude reverente e contemplativa em relação à natureza. O desenvolvimento da sensibilidade diante da maravilha que é a vida nas plantas e animais (e não só o homem [sic]) ou diante da complexidade e beleza do mundo inorgânico é tarefa educativa urgente que não tem por que ser confundida com alienação romântica ou pequeno-burguesa.¹⁵

Esses pensamentos são importantes para entender toda uma interligação e aprofundar o caráter teológico que vê a pessoa humana, junto a Deus, que se manifesta no cosmo-terra, e que é chamada por esse Deus para administrar a criação responsabilmente, cuidando do meio ambiente e do seu próximo, promovendo dignidade e relações saudáveis do ser humano com ele mesmo, com o outro, com a natureza e com seu próprio Deus. Essas relações são preditas em vários trechos da Sagrada Escritura e dizem sobre o exemplo de cuidado com o que Deus nos deu para administrar sua Criação. Como cocriadores¹⁶ temos a liberdade e a responsabilidade de cuidar da casa comum que é a terra, prezando de forma particular o cuidado do outro que está interligado. Olhando para Jardim Gramacho, consegue-se notar uma total falta de cuidado que afeta tanto a natureza como, de forma desumanizante, muitos moradores do bairro, que ainda vivem sob condições de pobreza e miséria atrelados a um crime ambiental que acaba tornando-se um espaço de subsistência de muitas famílias. Nota-se aqui, de forma prática, a grave consequência de ver o ser humano desassociado e alienado do resultado de suas atitudes, que não enxerga o dano que causa e não se percebe integrado no mundo criado por Deus e palco de todas as interações reais.

Essa falta de olhar não fica apenas relegada às pessoas distantes do contexto de Jardim Gramacho, mas também aos próprios inseridos nessa realidade. Aqui se reflete sobre a consciência daqueles que atuam dentro do bairro, principalmente dos cristãos que ali estão inseridos. Olhar para a realidade de Jardim Gramacho ainda nos dias de hoje e se deparar com muitas igrejas e missões que atuam nesse campo, causa um contraste e uma contradição dentro do que a Teologia da Criação propõe e o que é disseminado nesses espaços. O dualismo ainda é muito forte e é uma das causas – senão a principal – para o não comprometimento sobre mudanças de relações que beneficiariam os moradores e o espaço físico-ambiental da região. A salvação é entendida apenas no âmbito espiritual do

¹³ GESCHÉ, A., O Cosmo, p. 25.

¹⁴ GESCHÉ, A., O Cosmo, p. 29.

¹⁵ RUBIO, A. G., Unidade na Pluralidade, p. 555.

¹⁶ GESCHÉ, A., O Cosmo, p. 53.

ser humano; essa precisa buscar na “santidade” – onde ser santo é visto como ser separado, não pertencente a esse mundo – uma vida que o prepare para o encontro com o seu Criador. Mas, usando aqui um argumento de García Rubio, não há como pensar numa salvação pessoal sem estar atrelada a uma salvação ecológica. Dentro do mundo, o ser humano não pode apenas se preocupar em salvar-se a si, mas também à terra da qual participa e se relaciona. Diz ele:

Não é mais possível tratar da libertação do ser humano independentemente do cosmos. Isto é válido tanto no nível sociopolítico e econômico como no nível mais abrangente da salvação-libertação cristã. Ou melhor, a salvação integral do homem [*sic*] que se fala insistentemente a Igreja atual inclui a salvação do mundo criado do qual o homem faz parte.¹⁷

3. Implicações práticas

É necessário estabelecer um ponto central, que a partir dele, todas as práticas possam ter sua base para uma ação mais efetiva e significativa. Para isso, antes de desenvolver toda uma prática ou uma pastoral voltada ao cuidado de Jardim Gramacho, faz-se extremamente importante uma “conversão ecológica”¹⁸. No parágrafo 220 da *Laudato Si'*, o Papa Francisco trata sobre quais aspectos essa conversão precisa ser realizada. Sobre esta conversão está o ponto central desse parágrafo, e analisando cada linha, tem-se uma compreensão mais real de um trabalho integral a ser feito. No começo do parágrafo, Francisco ressalta que essa conversão deve “ativar um cuidado generoso e cheio de ternura”¹⁹. Pois é impossível pensar em um trabalho que seja indiferente e/ou que seja vazio de afeto; isso já é característica do assistencialismo, que é mais paliativo do que efetivo. Os catadores já tinham seus espaços de afetos e sabiam como era precioso e de grande importância para as relações que se estabeleciam ali. A Igreja em Jardim Gramacho – aqui entendida em seu caráter universal e ecumênico –, como missão e compromisso, deve agir para que toda sua pastoral seja inundada de uma compaixão dignificante, olhando o outro com toda sua potencialidade e direito de ser e existir, e não apenas como um número de registro proselitista. Tal prática estatística é desumana e contrária ao anúncio do Reino de Deus proclamado por/com/em Cristo, portanto requer da Igreja uma conversão ecológica que aplica o amor gratuito e vazio de qualquer interesse privado, como afirma Papa Francisco:

Em primeiro lugar, implica gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça. «Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita (...); e teu Pai, que vê o oculto, há-de premiarte» (Mt 6, 3-4).²⁰

Outra implicação levantada por Francisco é a mesma incitada por Gesché e García Rubio que já teorizavam em suas obras. Isto é, pensar numa consciência amorosa é pensar

¹⁷ RUBIO, A. G., *Unidade na Pluralidade*, p. 569.

¹⁸ LS 217.

¹⁹ LS 220.

²⁰ LS 220.

numa consciência integral, com o ser humano conectado com tudo o que o cerca; com todo o mundo e com as criaturas que nele residem.

Jardim Gramacho ainda vive sobre relações ruidosas: a miséria ainda é presente no bairro; o Estado tem pouca participação com serviços básicos – como iluminação e saneamento; a poluição de resíduos sólidos ainda é visível, mesmo com o encerramento do Aterro; além de novas preocupações, como a chegada do crime organizado e do tráfico de drogas.

As igrejas, por amarem a Deus e buscarem n'Ele a sua salvação dentro do aspecto dualista (sagrado versus profano, espiritual versus carnal, santo versus pecador) vivem em bolhas e disputas de poder e não adentram na própria realidade em que estão inseridas. Ficam reclusas em seus espaços e pouco saem para fora de seus muros. As missões afirmam o mesmo dualismo das igrejas e saem com o intuito de mobilizar uma propaganda proselitista. Nesse campo não há nenhuma mudança real e visível. Para que haja tal mudança de uma forma palpável na região, a Igreja é chamada a um compromisso integrador, entendendo que a espiritualidade cristã exige uma espiritualidade ecológica²¹. A partir dessa visão a Igreja contempla e age, “com criatividade e entusiasmo para resolver os dramas do mundo”²². Jardim Gramacho faz parte desse mundo e aguarda ansiosamente essa conversão ecológica que é a revelação dos filhos e filhas de Deus (Rm 8,9). Para os líderes espirituais, esse compromisso se torna ainda mais necessário, pois são eles que conduzirão seus irmãos e irmãs para uma responsabilidade que gera vida em todo o contexto do bairro, promovendo não só uma mudança de realidade, mas também sua salvação. Papa Francisco diz: “Não vê a sua superioridade como motivo de glória pessoal nem de domínio irresponsável, mas como uma capacidade diferente que, por sua vez, lhe impõe uma grave responsabilidade derivada da sua fé”.²³

Tendo em vista a necessidade dessa conversão, todos os trabalhos práticos desenvolvidos no seio das igrejas ganham um novo aspecto de realidade, que se preocupa com a transformação real da população e da terra. Esse compromisso socioambiental está relacionado de forma íntima ao estabelecimento do Reino de Deus, inaugurado por Jesus Cristo, que a todo momento fez do seu ministério e de sua pregação integrais; que observava o cuidado de Deus nas árvores do céu e nos lírios do campo, que ensina a respeito da vinha que Ele mesmo é, pedindo para seus amigos estarem ligados a Ele para que produzam frutos. Frutos esses que estabelecem bem-estar, união e comunidade. Que proclamam um Reino de justiça, paz e alegria.

Essa conversão também gera um movimento missionário, que não abre espaço para proselitismo e sim para o anúncio de um Evangelho vivo, das Boas-Novas; Boas-Novas essas que trazem uma mudança nas relações estabelecidas entre homem-Deus, homem-homem, homem-outro e homem-natureza. Para isso, como diz Francisco, a Igreja precisa estar em saída²⁴, tomar a iniciativa de se envolver com a comunidade e fazer com que sua presença física venha ser apoio para a população que busca algum auxílio; refúgio para os moradores que não tem onde descansar e envio para o encontro de todos que estão à beira

²¹ LS 216.

²² LS 220.

²³ LS 220.

²⁴ EG 24.

do caminho ou em lugares aos quais ninguém quer ir. Esse envolvimento não pode, de maneira alguma, deixar de escutar as vozes que já fazem parte daquele espaço e que conhecem os dilemas e as situações que os acometem todos os dias. Escutá-los é entender qual é a melhor maneira de ajudá-los a partir das suas preocupações. Esta escuta forma novas relações saudáveis e gera transformações expressivas tanto para a mitigação à crise vivida como na aplicação de um Evangelho e de uma salvação que não está alheia ao mundo em que foi encarnado e que agora está inserido.

Conclusão

A história de Jardim Gramacho revela um grande cenário complexo de desafios socioambientais e humanos, que desde a criação do aterro trouxe consequências significativas para o meio ambiente e para a população da região. A degradação ambiental, a falta de saneamento, e as condições desumanas de trabalho exemplificam a negligência histórica a respeito do cuidado com o meio ambiente e das pessoas que dele dependem. Sobre esse cenário, a Teologia da Criação oferece uma perspectiva integradora e esperançosa, sublinhando a interdependência entre o ser humano e o cosmos. A partir desse espaço o olhar teológico pede uma “conversão ecológica”, que gera um comprometimento profundo com o cuidado da criação de Deus, englobando tanto o meio ambiente quanto a dignidade humana.

Para a Igreja em Jardim Gramacho, essa conversão requer uma mudança significativa nas práticas pastorais e missionárias. É necessário superar o dualismo, vivendo a integralidade que deságua em ações concretas que promovam justiça social e ambiental. A presença da Igreja deve ser marcada por uma compaixão prática e um envolvimento ativo com a comunidade, escutando suas necessidades e colaborando na busca de soluções sustentáveis. Nisso, o compromisso cristão a partir da Teologia da Criação em Jardim Gramacho deve refletir o chamado para cuidar da casa comum e promover relações saudáveis e justas entre todos os seres que um só e mesmo Deus criou. A Igreja pode verdadeiramente contribuir para a transformação de Jardim Gramacho, oferecendo não apenas assistência, mas esperança e dignidade, mostrando como o cristianismo pode e deve ser um agente de mudança integral no mundo.

Referências Bibliográficas

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Evangelii Gaudium***: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015.

GESCHÉ, Adolphe. **O cosmo**. São Paulo: Paulinas, 2004.

GOOGLE, 2024. **Igrejas em Jardim Gramacho**: Google Maps. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/search/Igrejas+em+Jardim+Gramacho/@-22.7583584,-43.2917473,15z/data=!4m2!2m1!6e1?entry=ttu>>. Acessado em: 01 jul. 2024.

LIXO Extraordinário. Direção: Lucy Walker. Produção: Agnus Aynsley. Distribuição: Downtown Filmes, Arthouse Films, 2010. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0>. Acessado em: 01 jul. 2024.

OLIVEIRA, Yasmin A., MACHADO, Denise B. P. Invisibilidade social e espacial em aterro metropolitano: O caso de Jardim Gramacho (RJ), Brasil. **Bitácora Urbano Territorial**, v. 32, n. 1, p. 163-176, 2022.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Cosmologia teológica para uma renovação antropológica: caminhos de interação a partir de A. Garcia Rubio e A. Gesché. In: GONZAGA, Waldecir; MORAES, Abimar Oliveira de; CARDOSO, Maria Teresa de Freitas (Ogs.). **Religião e Crise socioambiental: VII CONGRESSO ANPTECRE PUC-RIO.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020. p. 137-150.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade:** O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. **Meio Ambiente:** Reflexões, Legados e Memórias. São Paulo: Loyola, 2024.

Luiz Gustavo dos Santos Rosa

Mestrando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: luizsantos360@outlook.com

Recebido em: 26/09/2024

Aprovado em: 09/07/2025